

três primeiras de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Isso aconteceu já no início do século XX, mas, em toda a segunda metade do século XIX, o prestígio dessa casa foi muito grande.

B. L. Garnier — Batista Luís Garnier ou, para os maledicentes, o Bom Ladrão Garnier — chegou ao Brasil em 1844. Só em 1854, ao que parece, abriu pequena loja de livros, na rua dos Ourives, depois transferida para a rua do Ouvidor. Rodrigo Otávio conheceu ainda esse “pequeno armazém de duas portas, baixo, escuro, triste, à rua do Ouvidor, depois da rua da Quitanda”<sup>(132)</sup>. Coelho Neto, em romance em que situou uma época da vida carioca, descreveu aquele “casebre de aspecto ruinoso, achaparrado, poento, com o soalho frouxo, mole que nem palhada, o teto ensanefado a teias de aranha, tão escuro para o fundo que nem se distinguiam os vultos que por lá andavam em cuscuvilhice bibliófila e entre eles a figura rabínica do velho editor, pigarrento, sempre de brim pardo, barrete seboso, afurando pelos cantos em rebusca de avaro, a sacudir brochuras, limpando-as à manga do paletó”<sup>(133)</sup>. O novo prédio da Livraria Garnier, símbolo de sua importância, só foi inaugurado a 19 de janeiro de 1901, recebendo os convidados um volume autografado de Machado de Assis. Garnier foi o grande editor da segunda metade do século XIX. A casa enobrecia os autores que lançava. Ser editado por ela era a consagração. Entre os que a mereceram, estavam José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Melo Moraes, Sílvio Romero, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, João Ribeiro. Garnier editou livros que levaram mais de vinte anos para esgotar: a *História do Brasil*, de Southey, as obras de J. M. Pereira da Silva. Os seus catálogos permitem verificar que editou muita gente que não sobreviveu. Enriqueceu, apesar disso, firmou-se, assinalou uma fase da história de nossa literatura.

Em 1872, chegava pela segunda vez ao Brasil Francisco Alves de Oliveira. Vinha trabalhar com seu tio, Nicolau Alves, na Livraria Clássica, fundada em 1854 e estabelecida à rua S. José, 75. Alves já trabalhara no comércio de livros, na Corte, de 1863 a 1870, especializando-se em obras didáticas. Estava, na época, firmando posição que se consolidaria pelo fim do século e seria inigualada no século seguinte. Dava os seus passos com cuidado e segurança: filiou-se à Livraria Bertrand, de Lisboa, e comprou-lhe as edições principais; depois, filiou-se à Livraria Aillaud, de Paris, onde mandou imprimir numerosos livros didáticos primários, barateando-lhes o custo; chegou a absorver 90% do comércio de livros no Brasil,

(132) Rodrigo Otávio: *Minhas Memórias dos Outros*, nova série, Rio, 1935, pág. 62.

(133) Coelho Neto: *Fogo Fátuo*, Porto, 1929, pág. 56.